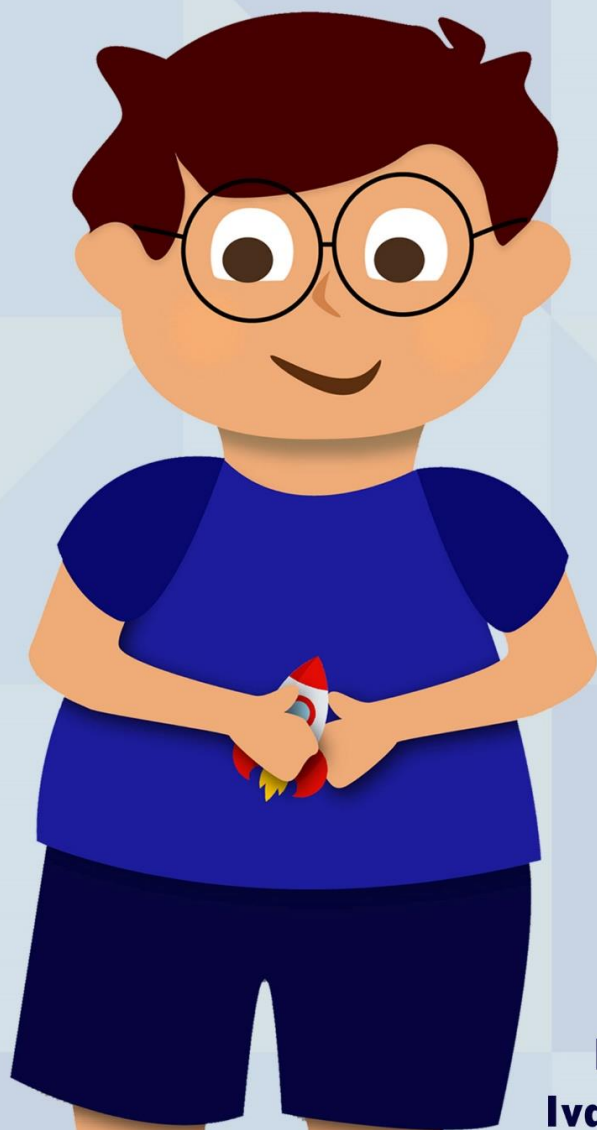


Guia para intervenção pedagógica com discentes autistas



**Edilma Rodrigues de Oliveira
Ivanete da Rosa Silva de Oliveira
Maria Aparecida Rocha Gouvêa**



Mestrado Profissional em Ensino em Ciências
da Saúde do Meio Ambiente



Dedico este trabalho a todos que lutam pela causa do Autismo, que tanto me incentivou a realizar essa proposta de intervenção didático-pedagógica, especialmente à minha família e amigos que sempre me apoiaram e incentivaram em minha busca por crescimento pessoal e profissional.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ivanete da Rosa Silva de Oliveira, por me guiar neste percurso e servir de exemplo como docente e pesquisadora. A Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Rocha Gouvêa, que, na condição de colaboradora deste produto, foi muito mais do que uma Professora cuidadosa, mas uma verdadeira amiga, sábia, conselheira e um exemplo de força interminável, mesmo diante das dificuldades da vida.

Ao corpo docente, por estar sempre disposto a ajudar.

Às secretárias do MECSMA, pelo auxílio nas questões burocráticas e carinho dispensado.

Aos meus discentes, que me fizeram buscar conhecimento nesta caminhada.

“Inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças.” (Maria Teresa Égler Mantoan,2015 p.17).

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. HABILIDADES PRÉ-ACADÊMICAS DO ESTUDANTE COM TEA	9
3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA ESTIMULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES PARA APRENDIZAGEM.....	20
3.1 Orientação ao discente.....	23
3.2 Intervenção e habilidade dos jogos.....	29
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....	36

1. Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma alteração do neurodesenvolvimento, assinalado por padrões de comportamentos repetitivos e obstáculos para a interação social, o que compromete o desenvolvimento da pessoa com TEA. O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição (DSM-5)* define TEA como a ocorrência de prejuízos persistentes na interação social e a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades.

No contexto escolar, os professores desempenham um importante papel no desenvolvimento de crianças que precisam de uma intervenção em habilidades como: linguagem, interação social, função executiva, atenção, memória, percepção etc... Portanto, seus conhecimentos sobre o tema podem contribuir para auxiliar no encaminhamento precoce e adequado para o bom desenvolvimento desse indivíduo.

Frequentemente, no contexto educacional, recebem-se crianças com TEA com problemas de adaptação à escola regular, como também com dificuldades para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao contexto escolar e à vida, confirmado pelo depoimento de muitos pais e professores.

Considerando a coleta de dados de informações e números brasileira, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2019), ainda, não dispõe de informações sobre quantos autistas há no Brasil.

De acordo com o Censo 2021 do município de Resende – RJ, *lócus* de aplicação do produto educacional desenvolvido nesta pesquisa, há 163 crianças com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), matriculadas na rede de ensino municipal. Com os dados oferecidos pelo Centro Multiprofissional de Assessoria Escolar – CEMAE, o município possui 64 Unidades de escolas públicas, além de um Centro de Atendimento Especializado para autistas, importante espaço de referência no atendimento de crianças com TEA até 17 anos.

Os profissionais que atuam com essa população necessitam de recursos e estratégias para a intervenção pedagógica dos discentes com TEA, bem como necessitam de conhecimento para inserir novas ferramentas de aprendizagem. Para se promover articulação entre a teoria e a prática com embasamento teórico e práticas comprovadas com evidências científicas, é possível que o professor realize a avaliação e proponha intervenção pedagógica para esse público, permitindo a inclusão e o desenvolvimento adequado do discente com TEA.

Ribeiro (2007) realizou estudo piloto com crianças de 7 a 13 anos, no interior de São Paulo. Onde, somente em 2007, a taxa encontrada foi de 0,88%, com o levantamento dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs), mantendo a prevalência maior entre meninos do que entre as meninas, com razão de 3:1. Neste trabalho, os resultados apontaram para 1 autista para cada 367 crianças, pesquisa realizada em apenas um bairro com 20 mil habitantes de uma cidade. Infelizmente, ainda, não há no Brasil uma pesquisa referente aos números de dados e prevalência de autismo.

Mas é possível equiparar esses dados com o relatório do CDC (Centro de Controle de Doenças e Prevenção), publicado em 3 de dezembro de 2021. Este indica que uma em cada 44 crianças, aos 8 anos de idade, nos Estados Unidos, é diagnosticada com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

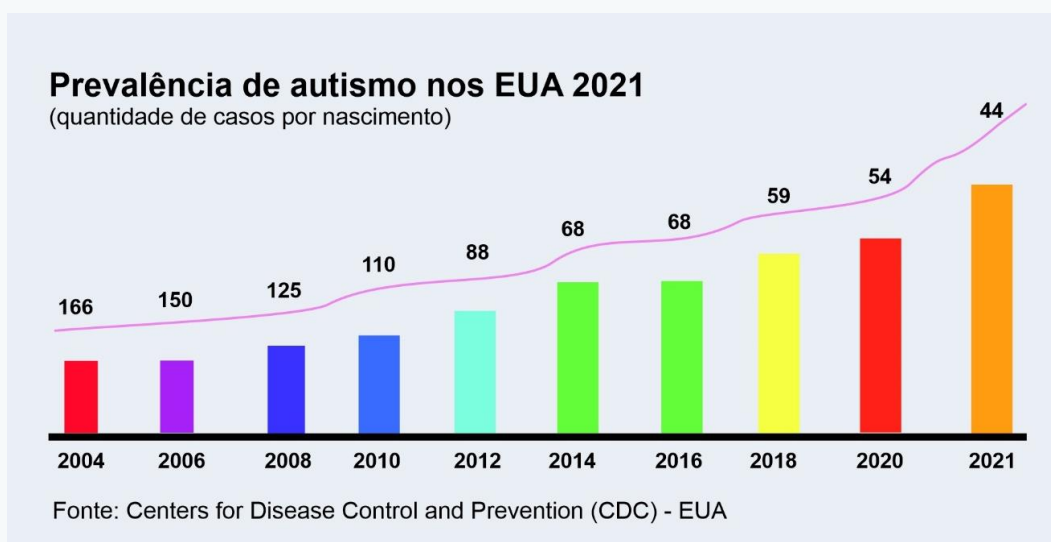


Figura 1: Prevalência de autismo nos EUA – 2021.

Este produto educacional é integrante da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente do UniFOA (MECSMA), denominada **DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE ESTUDANTES AUTISTAS: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DOCENTE**, orientada pela professora Prof.^a Dr.^a Ivanete da Rosa Silva de Oliveira e colaboradora Prof. Dr. Maria Aparecida Rocha Gouvêa, tendo como objetivo oferecer apoio para avaliação e intervenção pedagógica a docentes que trabalham com pessoas com autismo. É importante ressaltar que o processo de inclusão de estudantes com TEA, na escola regular, deve considerar dois processos: avaliação das habilidades pré-acadêmicas e acadêmicas do estudante com TEA e intervenção pedagógica para estimulação e desenvolvimento de habilidades para a aprendizagem.

2. Habilidades pré-acadêmicas e acadêmicas do estudante com TEA

A coleta de dados para compreensão das habilidades pré-acadêmicas e acadêmicas tem como objetivo possibilitar o mapeamento de ações pedagógicas e subsidiar indícios que permitem a ampliação nas estratégias utilizadas para melhor atender as demandas do discente com TEA.

Nessa perspectiva, a entrevista constitui o momento em que se possibilita o acolhimento a fim de respeitar e compreender as lutas e as dores que, em muitos momentos, os responsáveis (na maioria das vezes, a mãe) enfrentam. Normalmente, elas se sentem exaustas fisicamente e esgotadas emocionalmente diante dos desafios do dia a dia. É preciso, nesse momento, acolhê-las, deixando de lado qualquer tipo de julgamento.

Os profissionais têm de conhecer as possibilidades de aprendizagem dos indivíduos com TEA, os fatores que podem favorecer a sua evolução e as demandas específicas do sujeito. Portanto, somente após entender a situação de cada sujeito o profissional vai poder colaborar com o processo de construção pessoal de cada um destes indivíduos (BLANCO, 2004, p 292).

Diante de tanta demanda e reconfiguração, ressalta-se a importância da entrevista ser realizada antes do início dos atendimentos, para avaliar as habilidades do discente, dando voz a quem cuida dele no dia a dia. Dessa forma, você terá dados sobre o desenvolvimento do discente para promover a intervenção pedagógica adequada.



SUGESTÃO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA

A entrevista desempenha um papel crucial, pois por meio dos relatos coletados, somos capazes de conhecer o comportamento do estudante autista no ambiente familiar. Isso permite ao profissional ter uma compreensão mais aprofundada dos desafios que precisam ser abordados e das metas e habilidades que necessitam de atenção e desenvolvimento. O objetivo principal dessa entrevista é obter informações valiosas que auxiliem a elaborar estratégias personalizadas e eficazes para promover o progresso e o bem-estar do discente. Ao compreender a realidade familiar, o profissional tem possibilidades de criar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor, no qual possa ser oferecido o suporte necessário para que o estudante alcance seu potencial máximo.

Data da entrevista: ____/____/____

Docente: _____

Escola: _____

Entrevistado: _____ Parentesco: _____

Início da entrevista: _____ h – Término da entrevista: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome da criança: _____

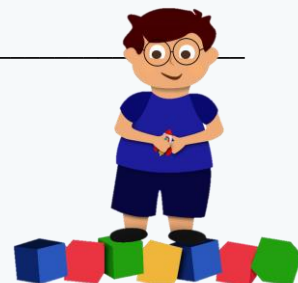
Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Sexo: () M () F CID: _____

Nome do mãe: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____ Profissão: _____

Nome do pai: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____ Profissão: _____



Esta entrevista está vinculada à pesquisa intitulada no programa de mestrado, parte do Guia para intervenção pedagógica de discentes autistas. Elaborado por Edilma Rodrigues de Oliveira, orientado pela professora Ivanete Rosa da Silva Oliveira e Maria Aparecida Rocha Gouvêa.

Quadro 1: Sugestão de roteiro de entrevista com o responsável pela criança

Nome dos irmãos da criança:

Nome	Idade	Filho de outra relação?	Filho adotivo?
		() Sim () Não	() Sim () Não
		() Sim () Não	() Sim () Não
		() Sim () Não	() Sim () Não

Quem convive com a criança?

Quem auxilia a criança na ausência do responsável?

Avaliações realizadas:

	Tipos de exames/avaliações	Idade exame/avaliação
Neurológica		
Genética		
Fonoaudióloga		
Psicológica		
Outras		

Tipos de atendimentos frequentados (data de início e frequência semanal):

Uso de medicação contínua () Não () Sim

Quais: _____

Apresenta comportamentos autolesivos

1- Bate-se (por ex. dar tapas na face, bater com a cabeça nos objetos):

() Não () Sim

Caso sim, quais:

2- Morder ou sugar várias partes do corpo:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

3- Beliscar, arranhar, pressionar ou puxar várias partes do corpo (por ex. pressionar o globo ocular, puxar o cabelo):

() Não () Sim

Caso sim, quais:

4- Provocar vômito e repetidamente , vomitar e reingerir comida (ruminação):

() Não () Sim

Caso sim, quais:

5- Consumir substâncias não comestíveis (comer objetos, cigarros, fezes):

() Não () Sim

Caso sim, quais:

Apresenta comportamentos autoestimulatórios

1- Visão: olhar fixamente para luzes, movimentar dos dedos em frente aos olhos, agitar de mãos:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

2- Audição : tapar os ouvidos, estalar os dedos, emitir sons vocais:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

3- Tato : esfregar a pele com uma das mãos ou com objeto:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

4- Paladar: colocar partes do corpo ou objetos na boca, lambendo-os:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

5- Olfato : cheirar objetos, cheirar pessoas:

() Não () Sim

Caso sim, quais:

Apresenta controle esfincteriano

Anal	Vesical
<input type="checkbox"/> diurno <input type="checkbox"/> noturno <input type="checkbox"/> sem controle	<input type="checkbox"/> diurno <input type="checkbox"/> noturno <input type="checkbox"/> sem controle

Houve perda do hábito do controle esfincteriano já adquirido?

Sim Não

Como foram as circunstância da perda do hábito?

Autocuidado (considerar idade cronológica)

Toma banho (com autonomia):	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade
Escova os dentes (com autonomia):	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade
Limpa-se (com autonomia):	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade
Ao cuidar da própria higiene, atrapalha-se com a sequência das tarefas:	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Veste-se (com autonomia):	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade
Abotoa as roupas (autonomia):	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade
Amarra os cadarços:	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> com dificuldade

Padrão de comportamento

Demonstra hiperatividade	Tem o hábito de roer unhas
<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> ocasionalmente	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> ocasionalmente

Padrão de comunicação

Demonstra alguma intenção comunicativa?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Segura o rosto do adulto para fazê-lo olhar em determinada direção?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Pega na mão do adulto como se fosse uma ferramenta para abrir/alcançar algo?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Aponta para indicar?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Atende, quando chamado pelo nome?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
E verbal?	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim
Amarra os cadarços:	<input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim

Como é a articulação e a pronúncia da criança? Há dificuldade de entendimento por quem não faz parte do convívio?

Como é o ritmo e a entonação da voz da criança (fala monótona, muito baixa/alta)?

Brincadeira

Brinquedos e atividades favoritos:

Manipulação/Exploração:

Manipula vários objetos/brinquedos: Sim Não Ocasionalmente.

Formas de exploração:

Dá função aos objetos e brinquedos: Sim Não Ocasionalmente.

Esta entrevista está vinculada à pesquisa intitulada no programa de mestrado, parte do Guia para intervenção pedagógica de discentes autistas.
Elaborado por Edilma Rodrigues de Oliveira, orientado pela professora Ivanete Rosa da Silva Oliveira e Maria Aparecida Rocha Gouvêa.

Primeiros sinais de TEA

Idade em que foram notados os primeiros sinais de TEA? Quais foram?

() Atraso/peculiaridades no desenvolvimento da linguagem compreensiva ou expressiva da criança.

Exemplifique:

() Perda de habilidades previamente adquiridas (ex.: palavras, interesse social, habilidades motoras e de brincadeira).

Exemplifique:

() Problemas no comportamento social (falta de interesse/afastamento das pessoas e crianças, relacionamento bizarro).

Exemplifique:

() Atraso no desenvolvimento físico e/ou motor.

Exemplifique:

() Distúrbios no sono. Quais?

() Problemas na alimentação (seletividade, compulsão) Quais?

() Problemas na conduta (ex.: agressividade, hiperatividade, automutilação)

() Medos (considerar idade e situações)

() Presença de estereotípias na criança (maneirismo motores, brinquedo e comportamento repetitivo, apego a objetos pouco usuais para a idade cronológica) Quais?

Quais?

Outras áreas de preocupação:

Informações complementares:

Esta entrevista está vinculada à pesquisa intitulada no programa de mestrado,
parte do Guia para intervenção pedagógica de discentes autistas.
Elaborado por Edilma Rodrigues de Oliveira, orientado pela professora Ivanete Rosa da Silva Oliveira e Maria Aparecida Rocha Gouvêa.

Fonte: Entrevista estruturada adaptada - Protea-R

FORMULÁRIO PARA ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA ENTREVISTA

Aspectos a serem levantados	Dados coletados na entrevista	Expectativas e necessidades da família
Aspectos cognitivos		
Aspectos motores		
Aspectos de linguagem		
Aspectos de interação social		
Aspectos comportamentais		
Aspectos sensoriais		
Considerações:		

Esta entrevista está vinculada à pesquisa intitulada no programa de mestrado, parte do Guia para intervenção pedagógica de discentes autistas. Elaborado por Edilma Rodrigues de Oliveira, orientado pela professora Ivanete Rosa da Silva Oliveira e Maria Aparecida Rocha Gouvêa.

Quadro 2: Formulário para análise dos dados coletados na entrevista

Fonte: As autoras.

Após a entrevista, é necessário analisar os dados coletados e fazer os registros das habilidades específicas como: manipulação de objetos, linguagem, brincadeiras preferidas, motricidade e as preferências de objetos, todas indicadas pela família durante a entrevista.

Com os dados coletados na entrevista, já é possível pensar na estruturação do ambiente, seleção de materiais apropriados para uma avaliação inicial com brinquedos e jogos, de acordo com a demanda inicial.

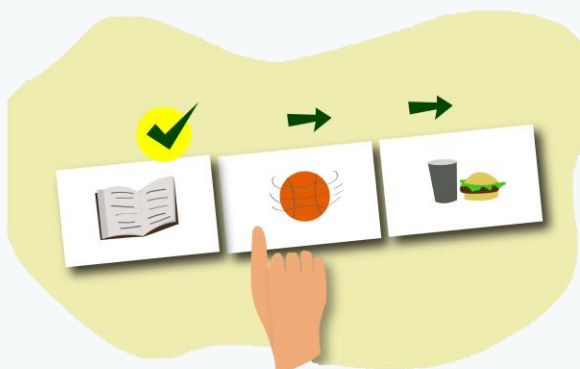
É importante ressaltar que o campo de expectativas da família deve ser considerado sem interferência e analisado cuidadosamente com base em todos os dados obtidos. Além disso, é essencial fornecer um retorno sobre os objetivos que podem ser projetados no Plano Educacional Individualizado (PEI).

Sabe-se que as expectativas e necessidades das famílias são significativas. No entanto, sem uma entrevista semiestruturada para analisar as demandas e avaliar a situação, não é possível identificar quais habilidades são necessárias para o desenvolvimento do aluno com autismo e para um melhor desempenho do profissional durante o primeiro atendimento a essa criança. Além disso, essa entrevista é fundamental para estabelecer uma aproximação e criar relações socioafetivas nesse momento tão importante.

3. Intervenção pedagógica para estimulação e desenvolvimento de habilidades para a aprendizagem

Neste guia, propomos o modelo TEACCH® (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*), que tem como objetivo principal ajudar a pessoa com autismo a se desenvolver de maneira mais funcional e com autonomia no modelo estruturado.

O método TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*) cujo significado é “Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e Transtornos relacionados à Comunicação”, foi desenvolvido por um médico chamado Eric Schoppler e seus colaboradores, na década de 60, no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e se utiliza de uma avaliação que leva em conta os pontos fortes e suas fragilidades para construir um programa individualizado (FERNANDES, 2010, p.28).



Nesse contexto, os jogos estruturados (ANEXO 1) têm como função pedagógica o desenvolvimento de habilidades, para ajustar condutas comportamentais dissociativas e estimular a aprendizagem de pessoas com TEA, de forma que elas possam se apropriar de um melhor funcionamento comportamental, físico, cognitivo e de interação social. Além disso, esses jogos proporcionam o atendimento do aluno em sua demanda comportamental, auxiliando-o na manutenção de uma conduta ajustada, por meio de indicações de respostas corretas e, conseqüentemente, favorecer a melhora da autoestima, devido à possibilidade de acertos.

Bandura (1965a, 1972) afirma que

quando adquirimos novos comportamentos em decorrência da imitação de pautas de conduta a partir de modelos, falamos em modelação. Assim, entende-se por modelação o processo de aquisição de comportamentos a partir de modelos, seja este programado ou incidental. Também se nomeia como modelação a técnica de modificação de comportamento com o uso de modelos (BANDURA, 1965a; 1972).



A modelagem promove a capacidade de aprender e reproduzir emoções, comportamentos, falas de ações, de forma a irmos em nós mesmos os comportamentos dos outros.

Antes de iniciarmos a intervenção, precisamos nos atentar para alguns cuidados necessários para a aplicação dos jogos, como:



Direção do desenvolvimento do trabalho: sempre posicione as atividades a frente do aluno. As peças deverão ser manuseadas da esquerda para direita ou de cima para baixo, posição essa preparatória para construção do processo de alfabetização, já que lemos da esquerda para direita e escrevemos fazendo linhas de cima para baixo.

Linguagem do docente: as falas devem ser sempre objetivas e claras, uma orientação por vez. Evite muitos comandos ao mesmo tempo, como também falas desnecessárias ou sem função.

Ambiente: antecipe possíveis comportamentos indesejáveis e mantenha o ambiente sempre organizado e as atividades e materiais que serão utilizadas próximas ao docente e discente.

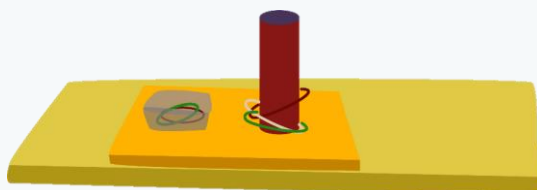
Jogos: quando for pensar em brinquedos ou montar jogos para seu aluno, lembre-se de que existem diversas possibilidades de se trabalhar. Então, observe, sempre, nas imagens: contrastes, distâncias / posição, cores / formas, sentido / direção e detalhes.

Todas as atividades devem ser divertidas e prazerosas. Explore ao máximo as possibilidades dos jogos que são sempre ricos em possibilidades de aprendizagem na qual seu aluno precise.

Aprendizagem sem erro: durante os jogos estruturados, faça a intervenção e correção por meio de uso correto da modelagem, pois, dessa forma, a atividade torna-se muito mais animadora e estimulante para o desenvolvimento do aluno.

3.1 Orientação ao discente

Para começar o jogo, dê ao aluno o modelo de como proceder:



1- É importante mostrar para o aluno os objetos e detalhes (cores ,formas..):



2- Em seguida, apresente a ele um modelo de como fazer. Exemplo: pegue um objeto, dizendo o nome da cor ou forma. Utilize comandos precisos (pegue, coloque, encaixe...), narrando o passo a passo das ações da atividade.



3- Diga ao aluno: faça igual! Vamos! Agora é sua vez! Vamos, pegue o..... (se referindo ao objeto ou a cor desejada). O discente deverá colocar (a peça ou imagem no local correto) na prancha ou pote...



4- Após realizar a atividade, o discente deve ser elogiado: Muito bem! Você o colocou... **Atenção:** É importante evitar a dependência de elogios.



5- O processo deverá ser repetido até que se esgotem os objetos ou a atividade seja realizada. Tenha cuidado de não deixar a atenção da criança diminuir durante a atividade. Busque estímulos sonoros ou movimentos para que a criança retorne a atenção à atividade e a conclua com sucesso.



Como o aprendizado é complexo, existem várias teorias psicológicas para explicar como e por que as pessoas aprendem. O psicólogo Albert Bandura, por exemplo, propôs uma teoria de aprendizagem social que sugere que a observação e a modelagem desempenham um papel fundamental nesse processo, indo além das teorias que indicam que todos os comportamentos aprendidos ocorrem por meio do condicionamento. Igualmente, o autor vai além das teorias cognitivas, relatando a importância das influências psicológicas, como a atenção e a memória (BANDURA, 2019; ABDULLAH, 2019; BEDOYA PASTRANA *et al.*, 2020; MELO-DIAS; SILVA, 2019).

Após observar o modelo e reter as informações, é o momento de verdadeiramente fazer o registro dos comportamentos observados. Praticar o comportamento aprendido acarreta melhoria e desenvolvimento da habilidade.

A tônica da visão de mundo behaviorista está nos comportamentos observáveis e mensuráveis do sujeito, nas respostas que ele dá aos estímulos externos. Está também naquilo que acontece após a emissão de respostas, ou seja, na consequência (MOREIRA, 1999, p.14)

Enfim, para que o processo da aprendizagem observacional tenha sucesso, o discente deve estar motivado para imitar o comportamento modelado.

Nesse contexto, os jogos são utilizados como ferramentas pedagógicas que buscam promover não só o reconhecimento de formas, cores, letras e números, mas também estimular a percepção visual e coordenação visomotora, lateralidade, noção espacial, progressão esquerda para direita, atenção, concentração e manutenção de conduta adequada.

Lista de jogos e sua sequência para aplicação

1. Transferência simples:



Descrição: Trabalha lateralidade, noção espacial, progressão esquerda e direita, atenção concentração e manutenção de conduta adequada.

2. Enfiagem:



Descrição: Favorece a apreensão tátil, coordenação visomotora, coordenação motora fina, contar, associar quantidade.

3. Soprepor:



Descrição: Desenvolve a percepção visual, compara, identifica, enriquecendo o vocabulário; exercita a memória visual; estimula a atenção e a concentração; ajuda no desenvolvimento da linguagem expressiva; potencializa a discriminação visual e a compreensão visual de objetos e imagens; desenvolve a imaginação e a criatividade em situações diferenciadas.

4. Transferência com dupla entrada:



Descrição: Desenvolve a percepção visual, de forma a identificar diferenças e semelhanças, progressão esquerda para direita, atenção.

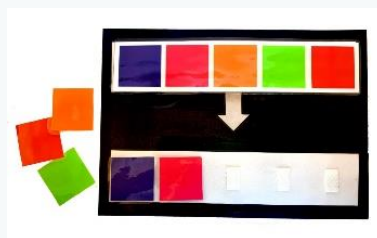
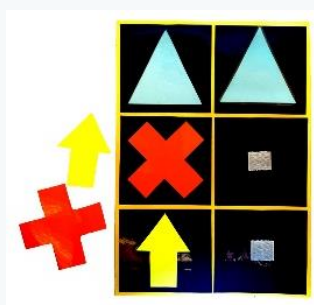
Quadro 3: Jogos estruturados para o desenvolvimento das habilidades e regulação de comportamentos

5. Pareamento com objetos:



Descrição: Desenvolve a percepção visual, atenção, capacidade de comparação.

6. Pareamento simples:



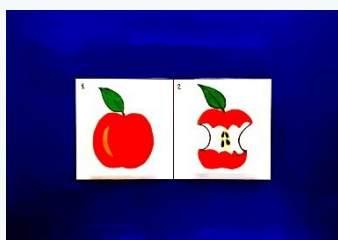
Descrição: Desenvolve a percepção visual, atenção, capacidade de comparação.

7. Figura ao fundo:

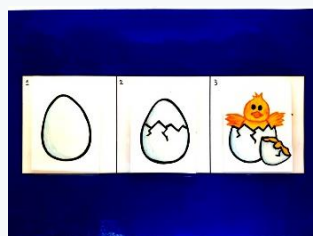


Descrição: Promove reconhecimento de formas, figuras, letras e números. Estimula percepção visual e coordenação visomotora.

8. Sequência lógica 2 cenas:



9. Sequência lógica com 3 ou mais cenas:



Descrição: Organiza o pensamento; desenvolve a noção de começo, meio e fim, percepção, critérios...

10. Quebra-cabeça simples - 2 peças:

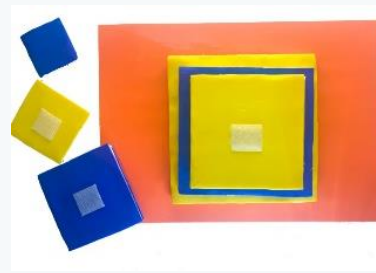
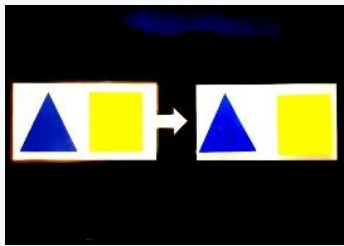


11. Quebra-cabeça com 3 ou mais peças:



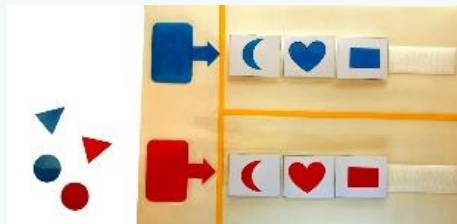
Descrição: Estimula comparação de todas as partes; organiza o pensamento; coordena movimentos visomanuais.

12. Sieriação/sequenciar:



Descrição: Possibilita a seriação ou sequenciação; fixa conceitos de grupos, atenção, observação, percepção de caracteres comuns e /ou distintos em objetos e brinquedos.

13. Classificação:



Descrição: Desenvolve a percepção visual, coordenação visomanual, atenção, capacidade de escolha, decisão; fixa conceitos matemáticos como: cor, tamanho, formas etc...

14. Memória:



Descrição: Desenvolve função cerebrais que ativam a memorização; estimula a criatividade; gera arquivos de informação que facilitam outras aquisições.

15. Espaço e tempo:



Descrição: Favorece a construção dos conceitos de tempo e espaço através de atividade lúdica e divertida, a fim de promover a inserção do discente como pessoa, considerando o tempo e espaço em que vive.

16. Associação de ideias:



Descrição: Desenvolve a percepção de detalhes, análise das imagens, linguagem, verbalização, apontamentos, hipóteses e formulação de ideias.

Encontra-se nesse Produto Educacional uma relação de vídeos demonstrativos (ANEXO 2) que orientam sobre a aplicação dos jogos estruturados elencados no Quadro 3.

3.2 Intervenção e habilidades nos jogos

Os jogos estruturados são grandes aliados no ensino e aprendizagem de habilidades essenciais e necessárias ao indivíduo, durante toda sua vida.

Apresentamos uma sugestão de sequência de jogos para desenvolver as habilidades pré-acadêmicas e checar as habilidades acadêmicas do seu aluno. Ressalta-se que a sequência (Quadro 4) é sugestiva e deve ser seguida para intervir nas habilidades devido a sua estrutura de exigência. Evitando, assim, desgaste desnecessário, podendo elevar o nível de frustração e não alcançando os objetivos desejáveis para o bom desempenho de seu discente.

Registro docente da sequência de jogos

Sequência	JOGOS ESTRUTURADOS	Realiza com autonomia (RA)	Realiza parcialmente com apoio e supervisão (RP)	Ainda não realiza (NR)
1	Transferência simples			
2	Enfiagem			
3	Sobrepor			
4	Transferência com dupla entrada			
5	Pareamento com objetos			
6	Pareamento simples			
7	Figura fundo			
8	Sequência lógica 2 cenas			
9	Sequência lógica com 3 ou mais cenas			
10	Quebra-cabeça simples - 2 peças			
11	Quebra-cabeça com 3 ou mais peças			
12	Seriação			
13	Classificação			
14	Memória			
15	Espaço e tempo			
16	Associação de ideias			

* Realiza com autonomia (RA). Realiza parcialmente com apoio e supervisão (RP). Ainda não realiza (NR)

Esta entrevista está vinculada à pesquisa intitulada no programa de mestrado, parte do Guia para avaliação e intervenção pedagógica de discentes autistas. Elaborado por Edilma Rodrigues de Oliveira, orientado pela professora Ivanete Rosa da Silva Oliveira e Maria Aparecida Rocha Gouvêa.

Quadro 4: Registro docente da sequência de jogos.

Fonte: As autoras.

Os jogos estruturados auxiliam e muito na regulação de comportamentos desejáveis e na manutenção de atenção e concentração. Reduz a frustração e, conseqüentemente, comportamentos inapropriados. Visam não só a ampliação das habilidades, como a manutenção delas. Auxiliam na compreensão de regras, no desenvolvimento de habilidades comunicativas, motoras, atenção, memória e análise.

ATENÇÃO

O docente deve observar se o discente possui as habilidades necessárias para os jogos de modo sequencial, observando as habilidades desenvolvidas, para só depois transferir para o próximo jogo.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, assinalado por alterações do cérebro que estão envolvidas na linguagem, habilidades motoras, percepção, emoções e interações sociais. O DSM-5 define TEA como a ocorrência de prejuízos persistentes na interação social e a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades.

Trata-se de um transtorno complexo e heterogêneo. Nas últimas décadas, houve um aumento acentuado na conscientização pública sobre o TEA que também coincidiu com um aumento nos casos verificados, melhorando com as terapias multidisciplinares para esse transtorno. Esse aumento aponta para a necessidade de mais pesquisas para afastar fatores prejudiciais, principalmente no que diz respeito à sua etiologia, tratamentos e intervenções.

Até o momento atual, não se sabe a causa exata do TEA. Alguns estudos mostraram uma ligação entre o autismo e a genética. Contudo, esta não é a única explicação. O desenvolvimento neurológico, assim como os fatores ambientais podem ter algum impacto. O campo de pesquisa ainda é muito vasto nesse ponto. Uma coisa é certa: o TEA não está ligado à relação pais-filhos, nem ao modo de educação. Entretanto, graças aos cuidados multidisciplinares adaptados às necessidades de cada pessoa, é possível melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo ao longo da vida, principalmente se esses cuidados multidisciplinares forem precocemente iniciados.

Uma pessoa com TEA pode parecer reagir de forma estranha, ter dificuldades em suas relações sociais e em sua comunicação, pois seu cérebro processa informações e percepções de forma diferente de outras pessoas. Se as pessoas com TEA têm dificuldade em sua comunicação verbal e não verbal, isso não significa que não possam se comunicar.

Todo o desafio do cuidado é construir uma ponte com seus modos de comunicação: por exemplo, usando a comunicação visual, evitando frases com duplo sentido ou extensas, direcionando a mensagem, etc.

Algumas formas clínicas graves de autismo associam uma deficiência intelectual que leva a significativas dificuldades de aprendizagem. Todavia, na maioria dos casos, a plasticidade cerebral persiste. Dessa forma, adaptar os métodos de aprendizagem ao funcionamento cognitivo específico da pessoa TEA permite a sua eficácia.

No contexto escolar, os professores desempenham um relevante papel no desenvolvimento de crianças que precisam de uma intervenção em habilidades. Sendo assim, seus conhecimentos sobre o tema podem contribuir para auxiliar o encaminhamento precoce e adequado para o bom desenvolvimento desse aluno.

Isto posto, elaborar um guia para docentes com roteiro para intervenção de alunos com TEA na escola regular é um importante apoio à capacitação dos professores que lidam com alunos com TEA, utilizando metodologias ativas de aprendizagem, com o objetivo de melhorar a qualidade do processo educativo desse público.

Não obstante ao número elevado de alunos por turma, das restrições de recursos e da grande pressão a que estão sujeitos, muitos professores mantêm atitudes adequadas ou persistentes em seu modo de atuação. É fundamental também que exista, na escola, uma equipe que dê apoio e ajuda emocional aos docentes, fornecendo estímulos aos professores e, por conseguinte, aos alunos. Essa atitude é, muitas vezes, fator decisivo para um melhor resultado na dinâmica de trabalho. Outra ação primordial é que a escola (privada ou pública) estabeleça políticas de formação em serviço, pois a atualização docente deve ser prioridade no processo educativo. Além disso, é importante o trabalho participativo e a valorização de ideias trazidas pela comunidade escolar, para que todos se sintam integrantes do processo educativo.

O aluno com TEA, se for adequadamente estimulado, pode conseguir progresso efetivo, porém, para tal, é necessário que o professor saiba o que fazer para estimulá-lo.

Espera-se que este guia possibilite aos professores o apoio necessário à educação de alunos com TEA e forneça caminhos para a real inclusão desses discentes.

ANEXO 1

Sugestões de endereços eletrônicos onde podem ser encontrado jogos estruturados para desenvolvimento das potencialidades de pessoas com TEA.

- <https://www.decolart.com.br/>



- <http://martabistene.com.br>



- <http://universoautista.com.br/oficial/>



Do mesmo modo, pode-se encontrar sugestões de jogos no seguinte livro: FONSECA, Maria Elisa Granchi. **Vejo e aprendo - fundamentos do Programa Teacch®: o ensino estruturado para pessoas com autismo**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2016.

ANEXO 2

Uma das autoras desse produto educacional apresenta sob forma de vídeos exemplos de como aplicar jogos estruturados com a finalidade de aprimorar as habilidades pré-acadêmicas e acadêmicas de pessoas com TEA.

Link dos vídeos- aprendendo a jogar

00	Orientação	https://youtu.be/tH01fnpIOHU
1	Transferência simples	https://youtu.be/StGShKAtP6g
2	Enfiagem	https://youtu.be/sId-EDFaTik https://youtu.be/hzF_kkPzg4k
3	Sobrepor	https://youtu.be/JsK2-Wgadr4
4	Transferência com dupla entrada	https://youtu.be/Yqec-BZazAQ
5	Pareamento com objetos	https://youtu.be/IFeq19ZkjzU https://youtu.be/SzMPWjuB3dE
6	Pareamento simples	https://youtu.be/3-ciAxcg8m8s
7	Figura fundo	https://youtu.be/coAN2ENTpw8
8	Sequência lógica 2 cenas	https://youtu.be/K9MulVjLIDc
9	Sequência lógica com 3 ou mais cenas	https://youtu.be/lbGptl_vX98
10	Quebra-cabeça simples - 2 peças	https://youtu.be/bykI8f9Z1_E https://youtu.be/H2NSFZvgVwI
11	Quebra-cabeça com 3 ou mais peças	https://youtu.be/NoWmNSjxp9M
12	Seriação	https://youtu.be/CzZjpyWCCk4
13	Classificação	https://youtu.be/Kdo57SKUP4k
14	Memória	https://youtu.be/Q0kUTGLVt4s
15	Espaço e tempo	https://youtu.be/w-rSZ72gw8
16	Associação de ideias	https://youtu.be/yhNvIE0pGP0

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULLAH, Sri Muliati. Social cognitive theory: A Bandura thought review published in 1982-2012. **Psikodimensia**, v. 18, n. 1, p. 85-100, 2019.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5**. 5. ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

BANDURA, Albert. Applying theory for human betterment. **Perspectives on Psychological Science**, v. 14, n. 1, p. 12-15, 2019.

BANDURA, Albert. Modificação de comportamento através de procedimentos de modelação. In: KRASNER, L.; UU. MANN, L.P. (Ed.). **Pesquisas sobre modificação de comportamento**. São Paulo: Herder, 1972; Americana: 1965a.

BLANCO, R. Atenção a diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. p. 290-308.

BOSA, Cleonice Alves; SALLES, Jerusa Furusa Fumagalli de(org.). **Sistema PROTEAR de avaliação da suspeita de transtorno do Espectro Autista**. São Paulo: Vetor, 2018.

FERNANDES, Salomé. **A adequabilidade do modelo teacch para a promoção do desenvolvimento da criança com autismo**. Porto: [ed.autor], 2010. 53 p.

MELO-DIAS, Carlos; SILVA, Carlos Fernandes da. Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 101-113, 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus Editorial, 2015. In: MANTOAN, Maria. Teresa E.; PIETRO, Rosângela. G. (Orgs). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

RIBEIRO, Sabrina Helena Bandini. **Prevalência dos transtornos invasivos do desenvolvimento no município de Atibaia: um estudo piloto**. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/22592/Sabrina%20Helena%20Bandini%20Ribeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jun. 2022.

UNITED STATES OF AMERICA. Centers for Disease Control and Prevention. **Prevalência e características do transtorno do espectro autista entre crianças de 8 anos — Autism and Development Disabilities Monitoring Network**. Washington, Estados Unidos, 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm>. Acesso em: 3 abr. 2022.



Edilma Rodrigues de Oliveira - Mestranda em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente no Centre universitário (UniFOA), graduada em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA), em Pedagogia (UGB), e Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade de medicina de São José do Rio Preto (FAMEESP), em Educação Especial com Ênfase em TGD e Altas Habilidades (FESL), em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade de Lis (UNILINS), em Neuropsicopedagogia pelo Centro Sul-americano de Ensino Superior, Pesquisa e Extensão (CENSUPEG), em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Jacaré Paguá (FIJ), em educação especial – deficiência mental pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, é Professora da rede pública de ensino desde 1995, e atua com a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Exerce o cargo de Orientadora Educacional no Município de Volta Redonda-RJ desde 2007. Também atua como professora de Atendimento Educacional Especializado no Município de Resende. Atualmente, é orientadora Educacional da Escola Municipal Especializada Professora Dayse Mansur da Costa Lima que atua com Crianças e adolescentes autista. Tem experiência e também atua com atendimento clínico a crianças com autismo, Deficiência Intelectual e TDAH.

E-mail: psicopedagogaedilma@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4632-9090>



Ivanete da Rosa Silva de Oliveira - Orientadora Ivanete da Rosa Silva de Oliveira- Doutora em Educação na área de concentração de Políticas Públicas (UERJ). Mestre em Educação Física na área de concentração de subjetividades e atividade física (UGF). Pós-graduada em Gerontologia (UniFOA), em Docência Superior (UGF), em Psicopedagogia Inclusiva (UGF), em Orientação, Supervisão e Administração Escolar (UniRedentor). Licenciada em Pedagogia (UNIRIO), Licenciada e Bacharela em Educação Física (UniFOA). Professora da rede pública de ensino desde 1983, atuando com a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, incluindo o curso de magistério em nível médio. Atuou como Assessora da Secretaria de Educação (Pinheiral). Atua no UniFOA desde 1997, exercendo os cargos de Docente, de Procuradora e Pesquisadora (Recenseadora) Institucional e Coordenadora do Programa Institucional de Iniciação à Docência (CAPES/2013-2022). É membro do Diretório Nacional do Forpibid-RP, integra o Banco de Avaliadores Ad Hoc do Ministério da Educação (MEC), designada pela Portaria nº 430/2018 e exerce a função de Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores Institucionais (ANPI-IES). Também atua como professora de pós-graduação lato e stricto sensu, sendo, atualmente, docente permanente do Programa de Mestrado Profissional de Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente (UNIFOA). É autora de artigos, capítulos de livros e livros que abordam a Educação, com ênfase em Ensino Superior, Avaliação Institucional, Didática, Formação do Docente, Educação Física Escolar e Gerontologia. Foi uma das autoras do Atlas do Esporte Nacional, publicado pelo Ministério do Esporte e publicou seu último livro em 2020, com o título *Educação e Políticas inclusivas: ressignificando a diversidade.

e-mail: ivanete.oliveira@foa.org.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3368-718X>



Maria Aparecida Rocha Gouvêa - Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui graduação em Letras e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda; especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda, e em Visão Discursiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Atualmente é professora do curso de Medicina e do Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde e Meio Ambiente do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA). Também atua como editora de seção, membra do Comitê Editorial e revisora de Língua Portuguesa da Editora FOA, Tem experiência na área gestão e pedagógica do Ensino Superior e na área de Letras, atuando, principalmente, nos seguintes temas: música, ethos discursivo no período da ditadura militar, interdiscursividade/intertextualidade e produção de textos científicos.

E-mail : maria.gouvea@foa.org.br

<https://orcid.org/0000-0002-5384-4616>